

Itacoatiaras e Megálitos no Brasil Pré-Histórico

Rubens de Azevedo

Em alguns casos, os atuais responsáveis pelos nossos estudos de História, com a ligeireza própria deste século de velocidade e improvisação, afirmam que está definitivamente encerrado o assunto ventilado por alguns estudiosos do nosso passado e que conta atualmente com pouquíssimos cultores: a existência, no Brasil, de vestígios de civilizações megalíticas que aqui floresceram muito antes que as caravelas portuguesas avistassem o monte Pascoal.

Muitos sábios brasileiros e estrangeiros dedicaram suas vidas a essas pesquisas, hoje tidas como sonhos de visionários. Alguns desses sábios chegaram a afirmar que, muito antes que o faraó Menés inaugurasse a primeira dinastia do Egito antigo, já havia, em território brasileiro, uma civilização. E mais: alguns deles acreditaram sinceramente que os antigos egípcios podiam muito bem ser descendentes dos brasílios. Entre esses estudiosos, podemos mencionar Alcides D'Orbigny, Onffroy de Thoron, Ludwig Schwennagen, Alexandre Frot, Bernardo da Silva Ramos e outros.

É bem possível que o Brasil, uma das mais antigas regiões do globo, e onde há, ainda, locais onde o "homem branco" não pisou, tenha abrigado antigas civilizações cujos restos foram soterrados pelos processos naturais, como ocorreu em outras partes do mundo. Quando Schieligman procurava Tróia, baseado apenas no argumento da *Ilíada*, era tido como louco; mas ele a encontrou na colina de Hissarlik, próxima ao estreito de Dardanelos, em território da atual Turquia. E não

encontrou apenas Tróia — ali, no mesmo local, descansavam as ruínas de dez cidades! A todas as cidades foi dado o nome de Tróia, pois acredita-se que a cidade tenha sido destruída repetidamente por fenômenos naturais ou por invasões de caráter bélico...

Quem nos garante que não encontraremos um dia, em plena floresta amazônica, ruínas esplendorosas de uma cidade como Tikal, a primeira grande cidade dos Maias, oásis de uma civilização defunta descoberta em plena selva da Guatemala?

Muito interessante foi o trabalho desenvolvido por um pesquisador brasileiro, estudioso das antiguidades, homem versado em línguas vivas e mortas, que ficou famoso na célebre Conferência de Haia, de 1907, onde projetou-se para o mundo a figura de Rui Barbosa. Antônio Baptista Pereira, genro de Rui, foi o Secretário brasileiro da Conferência. Baptista Pereira era um estudioso da glotologia e chegou a elaborar um Dicionário Tupi-Egípcio em vários volumes, no qual demonstra, de forma inequívoca, o estreito parentesco entre a língua brasileira e o idioma dos antigos nilotas. Os originais dessa obra, ainda inédita, encontram-se no acervo da Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro.

Durante alguns anos, o autor destas linhas trabalhou junto a Baptista Pereira em seus apartamentos do Rio e São Paulo, onde teve acesso aos seus livros e pesquisas. Rodeavam-nos inúmeros livros famosos relativos à Ciência e História Antiga, preciosas obras entre as quais se encontravam duas antigas edições inglesas do *Livro dos Mortos*, a bíblia do Osirismo. Este livro, cujo título original é *Perth-M-Rhu*, foi traduzido por Gaston Maspero, um dos mais famosos egiptólogos do mundo. Maspero chamou o livro de *O Livro de Sair para a Vida*. Baptista preferiu *O Livro da Abertura da Boca* (ou da Baía). Como se sabe, os antigos egípcios viviam para a morte, preparando-se para ela durante toda a vida. O Livro dos Mortos é um manual de preparação para a saída da vida terrena e entrada na vida eterna, que eles acreditavam ser a única, a verdadeira. Antecipavam-se, assim, a São Francisco, pois encontramos, ali, a frase "É morrendo que se renasce para a vida eterna". Esse livro é antiquíssimo e, segundo se conta, foi descoberto pelo faraó Herontatej, 3500 anos antes de Cristo, no hipogeu de um velho templo. Mas uma inscrição no sarcófago da rainha Khnen-Neferite (2500 a.C.) informa que alguns capítulos do livro foram encontrados antes da existência de Herontatej, durante o reinado de Hesept-Tiem, por volta de 4600 antes da nossa Era.

Era crença firme de Baptista Pereira que os egípcios que construíram as pirâmides e a Esfinge eram descendentes dos primitivos habitantes do Brasil. Afirmava ele que, daqui do Brasil e mais precisamente da região da baía de Guanabara, partiram os antepassados dos nilotas para povoar o deserto tebano, estendendo, depois, essa conquista até o delta do Nilo.

Dia após dia, noite após noite, durante cerca de três anos, debruçados sobre *Perth-M-Rhu* e outras obras, e cartas fisiográficas do Rio de Janeiro, estudávamos os pontos de contacto entre o Egito Antigo e o Brasil pré-histórico. O tema principal do Livro dos Mortos é o lamento pela Terra-Mãe perdida, chamada Amenti ou Amanti, e que ficava para os lados onde o Sol se põe. Esse Amanti vem sendo procurado pelos mais ilustres arqueólogos e historiadores; a maioria acha que essa região é mítica, nunca teve existência real. Maspero, porém, afirmava que o Amanti era real: devia ser lugar situado muito longe, em outro continente situado do outro lado do mundo, nos lados do ocidente. Baptista Pereira acreditava que o Amanti era nada menos que o Brasil, região onde fica a Serra da Mantiqueira (em egípcio, Aman-Ti-Ki-Ra = A Serra Sagrada de Ra). Descreve o Livro dos Mortos, com desconcertante precisão, a fisionomia da baía de Guanabara (em egípcio Guan-Ab-A-Ra = a Sagrada Baía de Ra); localiza Neteru (Niterói), fala do deus Shu (Pão-de-Açúcar), que fica guardando a baía, tendo ao pé Anúbis, o deus da cabeça de cão (Cara de Cão) e demais aspectos fisiográficos como Manu ou Tamu (a Gávea), Seb (a ponta de Santa Cruz). No livro há a seguinte frase: "Sobre a face de Shu, que guarda a entrada da baía sagrada de Rá, está inscrita a figura do Íbis sagrado". Sobre a face do Pão-de-Açúcar, dependendo da incidência dos raios do Sol, todos podemos ver uma figura que imita uma ave pernalta...

Todo mundo conhece o Cara de Cão, um morro baixo que fica ao pé do Pão-de-Açúcar; no Livro dos Mortos, a frase "Ao pé de Shu, vela, paciente, Anúbis" nos mostra a coincidência extraordinária. Anúbis é o deus da cara de cão, espécie de Cérbero da teogonia egípcia.

A palavra Shu, em egípcio, significava "doçura". Declara Baptista que deu origem ao *shugar* (açúcar) em inglês, língua que, em sua abalizada opinião, tem inúmeras raízes da língua egípcia.

Todos já ouviram falar do Gigante de Pedra ou Gigante Deitado, que se estende da Gávea ao Pão-de-Açúcar, formado pelo cordão de serras. Dizem, até, que essa figura inspirou

a frase "Deitado eternamente em berço esplêndido", do nosso Hino Nacional. Somente pode ser o Gigante visto da Ilha Rasa; daí, descortinamos todo o panorama de uma figura deitada, semelhante a uma múmia, com um capacete na cabeça. A Ilha Rasa, na realidade, nada tem de rasa, é um cocuruto geológico bem pronunciado... Ninguém sabe quem lhe deu esse nome. Baptista diz que, em egípcio, *Ra-sa* significa *ver Ra*. O *Sa* (ver) egípcio deu origem ao verbo *see*, inglês. A "múmia" de *Ra*, representada pelo Gigante Deitado, tem sobre a cabeça a Coroa Dupla dos dois Impérios do Egito. Tudo isso está no Livro dos Mortos — e muita coisa mais.

O Sol nasce na região do Pão-de-Açúcar e se deita sobre a Gávea. No rochedo da Gávea há uma estranha figura que se convencionou chamar "Cabeça do Imperador". A figura lembra, realmente, a efígie de Dom Pedro II. No Livro dos Mortos encontramos que o Sol (*Ra*), em sua caminhada, deita-se sobre a cabeça de *Tamu* ou *Manu*, antigo deus nilota. No rochedo, abaixo da cabeça do Imperador, encontra-se uma inscrição que, segundo tradução de Bernardo Ramos, diz o seguinte: "Badezir, de Tiro, Fenícia, o primeiro dos filhos de Jetball". Badezir reinou na Fenícia de 885 a 850 antes de Cristo. Pode-se concluir que essa inscrição foi gravada entre esses anos, provando que os fenícios, já antes da Era Cristã, se haviam aventurado até à América do Sul. Prova, também, que os antigos podiam atravessar os oceanos.

A ciência oficial brasileira riu dessa tradução: afirmou que as "letras" da frase traduzida por Ramos eram rachaduras produzidas pela erosão. Paul Hermann, pesquisador alemão das culturas antigas, falando sobre as descobertas de Bernardo Ramos, diz no seu livro *A Descoberta do Mundo*: "Uma parte do mundo ri-se dele, como já riu de Marcelino Santuola, como riu de Heinrich Schliemann, quando este pensava escavar as ruínas de Tróia"...

Os primeiros vestígios do Brasil pré-histórico datam de 1641, quando Maurício de Nassau mandou Elias Herkmann fazer pesquisas arqueológicas nos sertões de Pernambuco. Herkmann encontrou vários monumentos megalíticos e inscrições rupestres. Outros monumentos foram encontrados posteriormente no Piauí, na Bahia e no Maranhão. No Boletim de Informações do Itamarati, de 15 de julho de 1947, encontra-se, sob o título *Descobertas Científicas em Goiás*, uma descrição da serra das Mangabeiras, divisor das águas dos rios Sono e Paranaíba, o seguinte: "Nesse trecho (serra das Figuras) jazem ruínas dos mais fabulosos edifícios, palácios e catedrais, que

circundam na parte superior diversas estátuas, umas isoladas, revelando cada uma expressão própria. Há nessas zonas longas praças com sentinelas, que os séculos petrificaram, cariatídes monstruosas, restos de monumentos ciclópicos, prestes a se destruírem."

Segundo informações de Estrellita Júnior, no livro *As Minas de Sabará*, existe na base do Pão-de-Açúcar uma grande caverna com mesas e bancos de pedra de antiguidade incalculável. Aliás, Baptista preconizava a descoberta de barcos egípcios enterrados na base do Pão-de-Açúcar e da Pedra da Gávea.

O sábio patrício Ladislau Netto sempre acreditou que os brasilíndios foram anteriores aos maias, incas, astecas, a quem orientaram em suas obras colossais. Marcel Homet, cientista francês, em seu livro *Os Filhos do Sol*, descreve os restos de uma civilização amazônica megalítica. Como encontrou muitos pontos de contacto com civilizações megalíticas da Europa, Marcel Homet declara: "ou o Brasil teve uma civilização megalítica de origem européia, ou foi a Europa que teve uma civilização megalítica de origem brasileira."

Na Paraíba existe uma das mais belas itacoatiaras do mundo, a chamada "Pedra do Ingá", situada na cidade de mesmo nome, a 85 quilômetros de João Pessoa, a qual tem sido objeto de inúmeras publicações no Brasil e no exterior. Cópias fotográficas desse rochedo foram enviadas aos principais centros de estudo arqueológicos de todo o mundo e há mais de 60 anos os sábios se debruçam sobre essas fotografias, na ânsia de traduzir sua muda mensagem. Tem havido muitas controvérsias a respeito da Pedra do Ingá: dizem uns que se trata de caracteres fenícios (cananeus), outros, que são grego antigo. O certo é que o monumento é de uma singular beleza: uma gigantesca parede de mais de seis metros de comprimento por três de altura, toda decorada com caracteres muito bem trabalhados. Cada desenho é delineado com arte e beleza e o acabamento é primoroso. Nas pedras da base há dezenas de orifícios absolutamente circulares, ao lado de estrelas de muitos raios.

Há, além das inscrições rupestres do Ingá, itacoatiaras em todo o território brasileiro — a maioria delas desafiando a argúcia dos estudiosos. Elas são parte de um imenso acervo de história e lenda — livro ainda fechado.

Oxalá possa a arqueologia brasileira despertar antes que delas nada mais reste.